



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A realidade da Educação Integral nas Escolas Públicas
do Distrito Federal**

Nathália Soares Silveira

Brasília/DF
2017



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A realidade da Educação Integral nas Escolas Públicas
do Distrito Federal**

Nathália Soares Silveira

Brasília/DF
2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SN274r SILVEIRA, Nathália Soares
 A realidade da Educação Integral nas Escolas
 públicas do Distrito Federal / Nathália Soares
 SILVEIRA; orientador Otília Maria A. N. A. DANTAS. --
 Brasília, 2017.
 50 p.

 Monografia (Graduação - PEDAGOGIA) -- Universidade
 de Brasília, 2017.

 1. Educação integral. 2. Escola. 3. Mais Educação.
 I. DANTAS, Otília Maria A. N. A., orient. II. Título.

A realidade da Educação Integral nas Escolas Públicas do Distrito Federal

Nathália Soares Silveira

Trabalho Final de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa.Dra. Otília Maria A. N. A. Dantas.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas.(orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Luiz Villar Mella (examinador)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Cátia Almeida Nascimento (examinadora)
Mestranda do PPGE/FE
Secretaria de Educação do Distrito Federal

Profa. Ms. Virgínia Honorato Buffman Borges.(suplente)
Secretaria de Educação do Distrito Federal

Brasília-DF, 09 de junho de/2017

*Penso que cumprir a vida seja simplesmente compreender a
marcha e ir tocando em frente. Como um velho boiadeiro
levando a boiada, eu vou tocando os dias pela longa estrada
eu vou. Estrada eu sou.*

(Renato Teixeira)

*À minha filha Olívia,
que me faz querer ser melhor todos os dias.
Por ela e para ela.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que sempre foi luz em minha vida. A esta Universidade e seu corpo docente que contribuíram em minha graduação, para que eu me tornasse a professora e pesquisadora em que estou me formando, principalmente à minha orientadora, Professora Dr^a Otília Dantas, que desde o primeiro contato acreditou em minha pesquisa e no meu potencial, me instigando sempre a fazer o meu melhor.

Agradeço a todos que mesmo não sabendo, influenciaram para que de alguma forma eu me tornasse quem eu sou hoje, trilhando este caminho que escolhi, não por acaso. Aos meus amigos que me ajudaram direta e indiretamente para que este ficasse exatamente como eu queria e principalmente ao querido Evandro Gurgel, que me assessorou para que eu estivesse plenamente segura da apresentação deste trabalho de conclusão de curso.

Agradeço à minha família, em especial à minha mãe que esteve ao meu lado nos momentos difíceis e nos alegres desta fase da minha vida, me dando apoio físico e emocional. Sem ela nada disto seria possível.

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema “A realidade da Educação Integral nas Escolas Públicas do Distrito Federal”. O estudo tem como objetivo geral compreender a Educação Integral e sua aplicação na escola pública do DF. A fundamentação teórica se constituiu de informações de natureza legal e em teóricos como: Marx (1988), Makarenko (1957), Rousseau (2017), Anísio Teixeira (1962), Gadotti (2008), Boto (2003), dentre outros. A metodologia, de cunho qualitativo, pautou-se em estudos empíricos e bibliográficos, a partir de observação participante e aplicação de entrevistas. Os resultados demonstram que a realidade da Educação Integral ainda parece distante do seu papel pensado pelos seus idealizadores. Na realidade das escolas públicas do DF transformou-se em um espaço onde alguns alunos passam pela jornada ampliada de horas, sem aproveitar, de forma significativa, as disciplinas integralizadoras do currículo e todo o potencial do aluno. As conclusões demonstram que a Educação Integral acontece de forma assistemática nestas escolas do DF, pois se limitam a manter as crianças ocupadas na escola evitando estarem expostas ao meio sem o acompanhamento direto das famílias. A educação integral, como os estudos demonstram, apresenta o propósito da formação do homem integral e emancipado. Cabe à escola promover a interdisciplinaridade de projetos e programas de forma consciente, integradora e previsto no Projeto Político com a parceria da família e da sociedade. A Educação Integral, deve, portanto, compor um currículo vivo de ações significativas por meio de um trabalho pedagógico capaz de promover os processos de ensinar e aprender transformando as horas a mais das crianças no ambiente escolar em um espaço gerador de consciência cidadã e não, apenas, sem se reduzir a um espaço gerador de reforço escolar.

Palavras-chave: Educação Integral; Escola; Mais Educação.

ABSTRACT

The present research's theme is "Integral Education in the Basic Education Curriculum in Distrito Federal". The study aims to understand Integral Education and its application in the public school of the Distrito Federal. The methodology employed is a qualitative study based on the empirical and bibliographical sense, focusing on the legal basis and authors Marx (1988), Makarenko (1957), Rousseau (2017), Anísio Teixeira (1962), Gadotti (2008), Boto (2003), among other theoretical sources. The instruments used to collect data in the research were participant observation and interviews. The results show that Integral Education does not fully fulfill its role as predicted by its idealizers. In order to operationalize the program, school has become a space where some students go through extended hours of work, but they are not taking advantage of the disciplines that make up the curriculum in a meaningful way, wasting their potential. It was concluded that Integral Education happens in a systematic and unsystematic way, independently of the student's participation in an integral education program. That is because the school – alongside family and society – is responsible for the interdisciplinarity of projects and programs in a conscious and integrative way as set down in the Political Pedagogical Project. , Therefore, Integral Education must design a living curriculum encompassing significant actions, through activities that promote the process of teaching, and learning, transforming the hours children spend at school, in an opportunity to foster citizenship rather than simply reducing it to tutoring hours.

Keywords: Integral Education; School; More Education.

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
INTRODUÇÃO	10
PARTE I - MEMORIAL EDUCATIVO	10
1. DIGRESSÕES PEDAGÓGICAS: O QUE ERA E NO QUE ME TORNEI.....	12
PARTE II - MONOGRAFIA	12
2. EXÓRDIO	20
3. NOTAS TEÓRICAS	22
3.1. <i>Marcas históricas</i>	22
3.2. <i>O Programa Mais Educação</i>	26
3.3. <i>Princípios da Educação Integral</i>	29
4. O DESENHO METODOLÓGICO.....	35
5. PONDERAÇÕES	37
6. ALINHAVOS OU CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se divide em duas partes: a primeira é um Memorial Educativo, um resgate da minha vida estudantil e tudo o que marcou a minha vivência escolar, até o período universitário. Com um olhar atento, o leitor notará que esta primeira parte explicita como o meu objeto de estudo – a Educação Integral – sempre esteve presente em minha vida, concretizada por uma educação rica em diversidade de temas, além de um comprometimento dos meus familiares com a escola. Esse tema me acompanha até o ambiente universitário do curso de Pedagogia onde pude me aprofundar na Educação Integral. Trata-se de um tema que desde o primeiro momento me atraiu transformado em pesquisa de iniciação científica, protagonista da segunda parte deste: a Monografia. Nessa parte debruço-me sobre a teoria e os ensinamentos de grandes mestres da área da Educação que corroboram com o que pude vivenciar no meu período de estágio. Com a ajuda destes elementos, apresento um ponto de vista diferente do acostumado ao se tratar de educação integral no Brasil dos dias atuais.

O objetivo geral desta parte visa compreender a Educação Integral e sua aplicação na escola pública do DF. Para tanto, nesse delineamento, destaco os seguintes objetivos específicos: i) reconfigurar histórica e pedagogicamente o tema de pesquisa; ii) construir os principais conceitos/categorias teóricas que delimitam este estudo; iii) analisar os papéis dos agentes participantes do projeto de educação integral de uma escola do DF.

Percebe-se que atualmente, há um entendimento de que a Educação Integral acontece nas escolas para manter os alunos neste ambiente por mais tempo. No entanto, outras preocupações acabam distorcendo o verdadeiro sentido que se entende por “educação integral”. Sem querer antecipar esta categoria, entende-se que a educação por si mesma presente em todos os ambientes e vivências na vida das crianças de forma a dinamizar o seu cotidiano escolar e não somente estar na escola algumas horas a mais por dia.

Como observamos no decorrer da pesquisa a afirmação supracitada se fortalece por estender o tempo do aluno na escola repetindo o que já faz em sala de aula no período regular. Convido desta forma, o leitor a apreciar a leitura do presente trabalho e me acompanhar nesta análise que se dispõe a ser o ponta pé inicial deste caminho profissional e acadêmico que escolhi traçar.



PARTE I - MEMORIAL EDUCATIVO

1. DIGRESSÕES PEDAGÓGICAS: O QUE ERA E NO QUE ME CONSTITUÍ...

“Era uma vez uma professora maluquinha. Na nossa imaginação ela entrava voando pela sala (como um anjo) e tinha estrelas no lugar do olhar”.
- Ziraldo

Uma das minhas brincadeiras preferidas na infância era “Escolinha”. Eu e as meninas que moravam em minha rua nos juntávamos num grande grupo, tínhamos caderninhos e estojo, colocávamos um pequeno quadro negro na parede e ali passávamos horas do nosso fim de semana revezando entre quem seria a professora e quem seriam as alunas. Recordo bem que um dos meus livros preferidos era - até hoje é -, era “Uma professora muito maluquinha”, do Ziraldo (2009) e acho incrível que mesmo com tantas referências desde muito cedo em minha vida, por muito tempo achei que não seria professora.

Quando terminei o Ensino Médio em 2002 eu não sabia ao certo qual curso fazer. Eu havia sido selecionada para o curso de Letras Inglês e para o curso de Direito em duas diferentes faculdades particulares. Em ambos tive uma boa classificação, mas estava bem dividida de qual curso escolher. O que eu mais ouvia era “- Faz o curso de Direito. Ninguém merece ser professora! É sofrido demais...”. E lá fui eu fazer o curso de Direito num Centro Universitário de Brasília. Com cinco semestres não suportei e abandonei o curso. Eu não me via como advogada, promotora, juíza, delegada, nada nesta área. Mas as pessoas falavam que o bom é que agora eu teria uma boa base para passar em um concurso público em qualquer área que fosse.

Passei um semestre sem estudar, mas logo em seguida já estava eu fazendo um segundo curso – Publicidade – naquela universidade particular que eu antes havia passado para Letras Inglês. Foram ótimos quatro semestres. Eu havia me encontrado no curso, mesmo sem decidir qual área de criação queria seguir pois eu me dava bem tanto na área de redação, quanto de direção de arte. Também tive que largar o curso, mas este porque era muito caro e eu já não conseguia arcar, mesmo com a ajuda dos meus pais. Na época que isso aconteceu, coincidiu com a minha

ida a São Paulo, onde eu quis continuar estudando, mas a vida naquele instante se encarregou de outras coisas.

Eu sempre gostei de estudar e penso que não fosse a disciplina de matemática, nunca teria tido problema algum na minha vida escolar. Estudei ainda em uma escola pública na primeira e segunda série, mas a partir da terceira fui para um colégio particular ou, melhor dizendo, fui para um colégio católico. A única freira que tive como professora foi a de Ensino Religioso e no geral as aulas não eram ministradas pelos religiosos, mas ainda assim o caráter religioso da escola refletia sempre de alguma forma em sala de aula.

Ainda na infância eu já era apaixonada por canetas, lápis de escrever, lápis de cor, canetinhas e papéis, muitos papéis! Tinha dezenas de cadernos, de todos os tamanhos. Lembro que nos anos iniciais da alfabetização eu já tinha um Diário – que minha mãe hoje diz ter sido motivo de muitas risadas e surpresas pelas coisas que eu escrevia e desenhava -, hábito que eu mantenho até hoje num pequeno caderno.

O desenho também sempre foi parte da minha vida, venho de uma família cheia de talentos manuais. Tenho alguns tios que são desenhistas, um outro tio que foi guitarrista numa banda de rock famosa de Brasília, meu próprio irmão é tatuador e minha mãe também sempre teve muita facilidade com desenhos e com a escrita. A verdade é que quando paro e penso sobre como eu por muito tempo fui incentivada a não ser professora, ao mesmo tempo minha mãe foi sempre o maior exemplo de mulher que eu queria ser: uma mulher forte, inteligente, articulada, com muitas habilidades e professora.

Minha mãe se formou em pedagogia bem cedo e logo passou no concurso da Secretaria de Educação do DF. Ela até hoje me conta que houve um drama quando ela foi chamada para o cargo de professora por que ela estava grávida de mim. Vendo assim, percebo que de certa maneira a escola sempre fez parte da minha história, mesmo quando eu ainda estava na barriga da minha mãe.

Quando eu terminei o Ensino Médio, lembro que eu não queria ao certo estudar na UnB. Quer dizer, todo mundo pensa em entrar na UnB, mas a gente fica tão acostumada a ouvir que na UnB existia tanta greve, que alguns alunos ficavam

bem desanimados e eu fui uma dessas alunas. Eu passei a vida inteira tendo uma boa educação, como eu disse linhas acima. Estudei na mesma escola desde a terceira série do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio, hoje considerada uma das melhores escolas de Taguatinga e sinto muito orgulho de ter estudado lá.

Das coisas que eu mais amava naquela escola é que a gente tinha uma educação diferente. Nas aulas de História, por exemplo, além de uma excelente professora nos ensinando a disciplina, ela sempre nos incentivava a desenvolver um bom trabalho nos bimestres. A gente fazia das apresentações de trabalhos as melhores apresentações teatrais que a escola recebia em seu auditório. Nas aulas de ciência, química e física, tínhamos acesso a bons laboratórios nas dependências da escola. A biblioteca não era muito grande, mas lembro que tinha um bom acervo e nós sempre podíamos pegar os livros que quiséssemos emprestado. Os professores de idiomas sempre traziam coisas diferentes para as aulas, seja em sala ou em algum outro ambiente que nos era proposto. Fazíamos apresentações que juntavam dança e música, e no geral quando havia a semana cultural a gente sempre desenvolvia bons trabalhos. Lembro que conseguíamos trabalhar todas as disciplinas de forma interdisciplinar, a escola ficava cheia de vida, com os alunos fora de sala apresentando seus trabalhos e era fantástico como quando a escola abria as portas para os pais, havia a participação de muitos.

A participação dos pais na educação dos alunos na escola que estudei sempre foi algo forte. A participação dos meus pais na minha educação foi muito importante e vejo isso com muita clareza hoje em dia. Se a escola tinha sua função para com as disciplinas curriculares, meus pais sempre estavam ali para me ajudar nos trabalhos escolares, mas principalmente, dando exemplos importantes para minha formação individual. Eu sempre tive facilidade na escola, especialmente com o estudo do inglês pelo fato de ter contato constante desde pequena com músicas e filmes neste idioma. Minha mãe levava a mim e meu irmão para a escola e nós íamos cantando Nirvana na maior altura – ou poderia dizer, no maior berreiro – e isso despertou em mim um gosto pelas músicas em inglês desde essa época. Vale salientar que hoje este costume ainda é frequente.

Outro hábito que tínhamos em casa era ler, líamos os livros que a escola nos oportunizava, mas também outros livros. Lembro que quando eu fiz quinze anos minha mãe me deixou ler os livros da coleção encadernada de couro, uma edição cara que ela havia comprado quando eu ainda era criança, de “As Brumas de Avalon”. São quatro livros de quase duzentas páginas, cada. Eu me divertia tanto que mesmo saindo para brincar aos finais de semana na rua com as amigas, durante a semana minha rotina era escola no período da tarde e pela manhã e à noite era em casa, lendo e estudando. Isso pode soar chato para alguma adolescente, mas como eu sempre conseguia me divertir com as coisas que fazíamos em casa, eu não me importava de ir para a rua apenas nos fins de semana. Eu lia, via TV, escutava música, conversava com meu pai na hora do jornal, sempre o enchendo de perguntas como “O que é renda *per capita* e o que isso influencia nesse tal IDH (Índice de Desenvolvimento Humano)?”. Ele mesmo chateado por eu estar interrompendo o jornal, sempre me respondia, na verdade fazemos isso até hoje, sempre que possível.

Quando fui aprovada no vestibular da UnB em Junho de 2013, onze anos após terminar o Ensino Médio, foi uma surpresa para mim. Lembro de estar assistindo ao jornal na companhia de minha avó materna quando vi a notícia do resultado do vestibular naquele ano. Chorei como criança ao constatar que havia sido selecionada para o curso de Pedagogia. Eu tinha voltado a Brasília há pouco tempo, estava recém-separada de um casamento e com uma filha pequena. Voltei a morar com a minha mãe e decidida de que não iria mais sair do Distrito Federal, pois estava em tempo de eu voltar a estudar e ser aprovada naquele concurso público que meus familiares e amigos acreditavam que eu ainda seria aprovada.

Lembro que eu dividia meus dias entre cuidar do neném e ler as apostilas. Eu havia feito a inscrição em alguns concursos e estava estudando bastante aquelas matérias genéricas que sempre encontramos nas provas de concurso como: português, raciocínio lógico, Direito Constitucional e Administrativo, entre outros. Ao decidir me inscrever no vestibular, me dei conta que eu, mesmo tendo começado dois cursos superiores, eu ainda não havia concluído nenhum e mesmo partindo para o terceiro curso, sabia que a vida tinha me colocado em uma situação que se

eu passasse no vestibular da Universidade de Brasília, teria que cumprir até o final, mesmo que eu não gostasse.

Ter sido aprovada no vestibular tanto tempo depois de terminar os estudos foi algo inesperado para mim, mas hoje percebo que a educação que tive durante toda a minha vida, seja na escola ou em casa, foi o que me preparou para aquela prova. Acredito nisso principalmente quando lembro que mesmo a dificuldade em matemática não me atrapalhou, muito pelo contrário. Como eu não sabia responder muitas questões da matéria, deixei muitas questões em branco, o que fez com que eu somente respondesse àquelas que eu tinha certeza que sabia como responder. O saldo não foi positivo, mas nessa disciplina também não foi negativo, o que fez uma boa diferença.

A escolha do curso foi uma surpresa, mas no fundo eu acreditava que seria feliz com a decisão. Pensei em Pedagogia logo como primeira opção de curso. Parece clichê, mas pensei em como minha mãe iria gostar de saber que eu havia escolhido o mesmo curso que ela havia feito. Eu estava num momento muito sensível e minha mãe era quem mais me dava – e dá até hoje – apoio para conseguir alcançar tudo aquilo que por alguns anos eu havia deixado para trás. Eu agora tinha uma filha pequena, já não estava mais na adolescência há alguns anos e não tinha emprego, nem experiência profissional ou curso superior. Eu sabia que tanto a família quanto a sociedade cobra da gente uma formação para desenvolver um bom trabalho em qualquer área em que resolvesse recomeçar. Vi na pedagogia uma chance de ter um diploma de nível superior, que me traria mais chances no tão almejado sucesso profissional.

O início do curso foi para mim, um mundo de descobertas. Estava eu agora estudando na Universidade de Brasília, aquele lugar que há alguns anos eu não “fazia questão” de estudar, mas que a partir deste momento tornou-se o lugar onde eu destinei a maior parte dos meus dias. A princípio eu considerava que o curso de Pedagogia seria apenas a porta de entrada para a obtenção do diploma de nível superior. Pensava eu que não iria dar aula ou trabalhar em escola. Até que eu entrei para o Programa de Educação Tutorial.

Desde o primeiro semestre, segui os conselhos das minhas amigas que haviam estudado na UnB: mergulhei de cabeça em todas as oportunidades que me eram dadas. Assim, quis fazer parte de tudo o que me apresentavam. No segundo semestre pude entrar no grupo PET-Educação, um dos PET's da Universidade. Se trata de um programa do MEC, onde vários cursos têm uma oportunidade a mais de construir a vivência exigida para ser Universidade, sendo eles o ensino, a pesquisa e a extensão. E foi ali naquele grupo que tive uma experiência que me fez querer realizar o presente trabalho.

Nas atividades do grupo PET, foi onde eu percebi que queria dar aula. Desde o princípio eu me sentia maravilhosa por estar fazendo parte de algo tão grande dentro da Universidade e aquilo me contagiava a cada semana. Foi nas visitas à escola onde fazíamos a nossa extensão que vi que sou sim uma boa professora e principalmente, que na sala de aula que eu conseguia colocar em prática o que eu tanto desenvolvia no meu lado pesquisadora de ser. Junto à extensão, desenvolvíamos várias atividades como palestras e oficinas.

Em uma destas, fizemos um evento sobre **educação integral** e lembro como se fosse hoje o quanto eu fiquei apaixonada pelo assunto. A palestrante falava sobre o assunto com um brilho nos olhos que eu sentia refletir nos meus. Como na época eu estava cursando a disciplina “Pesquisa em Educação” e ao fim da disciplina tínhamos que apresentar um pré-projeto, que a professora até frisou em muitos momentos que poderia ser alguma pesquisa a ser levada em frente até chegar ao Trabalho Final de Curso, logo pensei em falar do mais novo assunto sobre o qual eu não parava de falar. E aqui estamos.

A Universidade veio trazer novo sentido à minha vida, às minhas posições na sociedade e principalmente na minha postura como cidadã. Comecei a ter mais contato com questões sociais, o feminismo e algumas outras causas, principalmente políticas, que acredito serem importante na consciência cidadã que tenho hoje.

Quando iniciei a pesquisar sobre a educação integral, confesso que pensei que eu pudesse acabar me desapontando, pois eu havia visto tanta paixão com que aquela palestrante falava. Ora, o que tinha de tão especial então a educação

integral, que conseguia colocar o brilho no olhar de quem se apaixonava pelo assunto? Quanto mais eu passei a ler sobre o meu tema de pesquisa, mais passei a compreender. Eu achava que era um assunto novo para mim, mas aos poucos fui me dando conta que a educação integral sempre esteve presente em minha vida.

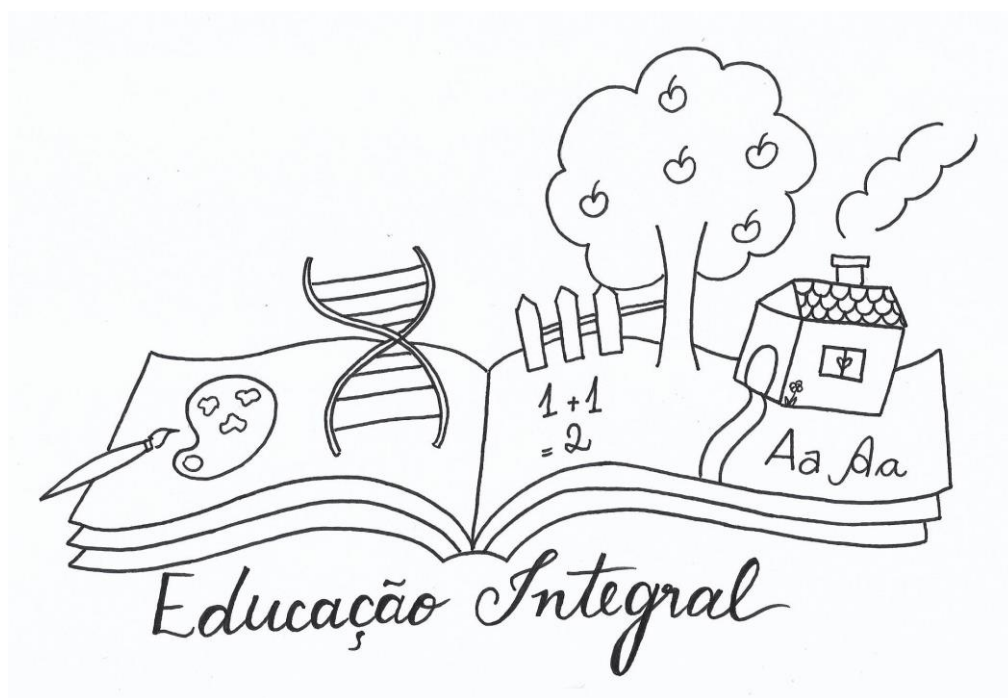
Mesmo sendo alguém que permanentemente demonstrou ser estudiosa e enxergava a escola como o caminho a percorrer para o futuro por uma certa obrigação, eu sempre senti prazer naquilo que fazia e estudava naquele ambiente. A escola foi um segundo lar para mim, era onde eu tinha contato com meus amigos e com todas aquelas disciplinas, mesmo a temida matemática. Mas tinha também a educação que eu recebia em casa, que vinha das conversas durante o jornal, ou naquele filme que assistíamos juntos e mesmo na hora de ouvir música alta dentro do carro. Meus pais tiveram um papel essencial na minha criação e percebo hoje como a escola e a família caminharam juntos para a formação da cidadã crítica e consciente que hoje sou.

Percebo hoje como o meu trajeto de vida como um todo influenciou na escolha do tema desta pesquisa. Saí do PET justamente por que eu queria me aprofundar na pesquisa e entrei no Projeto de Iniciação Científica com a orientação da professora Otília Dantas, minha maior incentivadora, depois da minha mãe. Ela acreditou na minha pesquisa desde a primeira vez que me ouviu falando do assunto, sobre como eu queria desvendar esse assunto que tanto cintila em meu olhar.

Outro aspecto importante que preciso ressaltar que aconteceu durante a graduação, foi a necessidade de ter algum trabalho que me remunerasse durante este período de estudo e pesquisa. Dessa necessidade nasceu o “Vai Lá Minha Fia!”, um projeto que tenho desenvolvido em paralelo onde eu faço desenhos e o melhor de tudo, eu desenho letras também. Como vivemos em um mundo capitalista, trabalho com as encomendas para me ajudar com algumas despesas pessoais e para complementar a renda em casa. Mas o que me surpreendeu desse projeto, o que me leva a abordar aqui é que eu sempre desenhei e escrevia em letras “desenhadas” de maneiras diferentes. Acho incrível que tudo caminhou para me mostrar como a educação integral é realmente o conjunto de tudo o que nos forma. E o desenho a todo momento foi algo presente, nas minhas vivências com as

crianças em sala de aula, de forma que salientar esse projeto aqui faz-se mais que necessário.

Sei que a vida nem sempre acontece como gostaríamos, e que a minha vida pode ir por inúmeros caminhos de possibilidades que eu trilhei até aqui, mas sei que a educação, a escrita e os desenhos sempre estarão presentes, independente do que aconteça e espero conseguir transmitir isso tudo para a minha filha e para meus futuros alunos da melhor maneira possível.



PARTE II—MONOGRAFIA

2. EXÓRDIO

A Educação Integral foi algo que me interessou e logo se tornou meu objeto de estudo por estar sempre constante nas minhas inferências realizadas no curso de Pedagogia. Este tema aborda a formação do ser humano em sua integralidade no âmbito da escola. Na atualidade a Secretaria de Educação do Distrito Federal, mantém viva as bases da proposta de Anísio Teixeira, mantendo em algumas escolas o Projeto “Educação Integral”. Não seria “Escola de Período Integral”?

Problematizando Educação Integral e Educação de Tempo Integral, procura-se investigar a diferença entre estes termos e o porque de ao se tratar de educação de qualidade, que é o que preconiza a preocupação dos governantes e estudiosos da área a nível nacional e internacional, se dá mais importância à Educação de Tempo Integral. Todavia, será que essa proposta ocorre conforme a Educação Integral, aquela que busca a integração do homem para sua emancipação? Suspeita-se haver uma compreensão equivocada do termo e distanciamento da perspectiva emancipadora do homem. Na realidade parece mais uma manobra ideológica do capital.

Entendemos que a Escola Integral visa ampliar os conhecimentos os quais o jovem é apresentado durante sua vivência escolar de modo que ele consiga continuar estudando, fora de sala de aula, os mesmos conteúdos.

Importante ressaltar que a interdisciplinaridade é fator predominante da Educação Integral, pois é neste momento que se vê a integração entre uma disciplina e outra, havendo assim uma participação maior do que é proposto pelo ideal de integralização. É pela interdisciplinaridade que o aluno desenvolve seu conhecimento sem se prender a memorização dos conteúdos trabalhados fragmentadamente pelas diversas disciplinas durante as aulas. Essa problemática nos levou a desenvolver estudos de Iniciação Científica (ProIC/DPP/UnB) durante os anos de 2015/2016. O estudo culminou com este trabalho de Conclusão de Curso.

Para este estudo que ora apresentamos, tomamos como objetivo geral compreender a Educação Integral e sua aplicação na escola pública do DF. Os objetivos específicos visam:

- reconfigurar histórica e pedagogicamente o tema de pesquisa;

- construir os principais conceitos/categorias teóricas que delimitam este estudo;
- analisar os papéis dos agentes participantes do projeto de educação integral de uma escola do DF.

Para tanto, visitei, durante o estágio supervisionado, uma escola onde observamos e entrevistamos professores e alunos, além de analisar documentos para saber se esta proposta de Educação integral ali desenvolvida é de fato formadora do homem ou se serve apenas para retirar as crianças da rua, ou seja, para aliená-los, privando os alunos de outras atividades senão apenas aquelas a que já estão acostumados no ambiente escolar.

Desse modo, nos capítulos que se seguem tratarei de realizar a reconfiguração histórico-pedagógica do tema, bem como dos principais conceitos/categorias teóricas que delimitam este estudo. Em outro capítulo será abordada a metodologia, o desenho metodológico da pesquisa, o lócus, os documentos e os sujeitos pesquisados. No último capítulo, antes das considerações finais, dialogarei com os dados construindo uma síntese de todo o estudo. Enfim, trata-se de um estudo importante porque representa minha inquietação acerca do tema, há muito tempo questionado.

3. NOTAS TEÓRICAS

Abordar sobre a Educação Integral nos remete ao exercício de reconfiguração histórica deste conceito, em especial no Brasil. Entretanto, iniciaremos estas notas técnicas destacando alguns estudiosos que contribuíram com a configuração desta forma de educação. Faremos um contraponto entre Rousseau (2017), Makarenko (1957) e Anísio Teixeira (1962). Em seguida adentraremos em alguns estudos produzidos no Brasil.

3.1. Marcas históricas

Desde o século XVIII com Rousseau, encontramos, na obra de Emílio (ROUSSEAU, 2017) alguns sinais de nosso objeto de pesquisa – a educação integral. Para Rousseau o homem é bom por natureza, mas está submetido à influência corruptora da sociedade. Um dos sintomas das falhas da civilização em atingir o bem comum, segundo o pensador, é a desigualdade, que pode ser de dois tipos: a que se deve às características individuais de cada ser humano e aquela causada por circunstâncias sociais.

Para Rousseau (2017), ao renunciar à liberdade, o homem, abre mão da própria qualidade que o define como humano. Ele não está apenas impedido de agir, mas privado do instrumento essencial para a realização do espírito. Para recobrar a liberdade perdida nos descaminhos tomados pela sociedade, o filósofo preconiza um mergulho interior por parte do indivíduo rumo ao autoconhecimento. Mas isso não se dá por meio da razão, mas sim da emoção, e traduz-se numa entrega sensorial à natureza.

A criança e o jovem para Rousseau (2017) são seres integrais. Para ele a criança deveria ser educada sobretudo em liberdade e viver cada fase da infância na plenitude de seus sentidos. Mesmo porque, segundo seu entendimento, até os 12 anos o ser humano é praticamente só sentidos, emoções e corpo físico, enquanto a razão ainda se forma. Liberdade significa uma dependência das coisas (em oposição à dependência da vontade dos adultos). Sobre isto, escreveu Rousseau (2017, p. 73) que "Vosso filho nada deve obter porque pede, mas porque precisa, nem fazer nada por obediência, mas por necessidade".

Rousseau condenava os métodos de ensino utilizados em sua época por se

basearem, basicamente, na repetição e memorização de conteúdos e pregava sua substituição pela experiência direta por parte dos alunos, a quem caberia conduzir pelo próprio interesse o aprendizado. Mais do que instruir, no entanto, a educação deveria, para Rousseau, se preocupar com a formação moral e política.

Não há escola em Emílio (ROUSSEAU, 2017). Emílio é educado no convívio com a natureza, resguardado ao máximo das coerções sociais. O objetivo de Rousseau, revolucionário para seu tempo, é não só planejar uma educação com vistas à formação futura, na idade adulta, mas também com a intenção de propiciar felicidade à criança.

Rousseau acredita que a vida do ser humano é dividida em 5 partes e cabe à Pedagogia, se dedicar, particularmente, aos três primeiros períodos para os quais desenvolve sua ideia de educação como um processo subordinado à vida – o método natural. Cada parte do livro é uma destas divisões que ele denominou como sendo: a idade da necessidade até os dois anos, a idade da natureza sendo dos dois aos doze anos, idade da força dos doze aos quinze, a idade da razão e das paixões que vão dos quinze aos vinte anos e finalmente, idade da sabedoria dos vinte aos vinte e cinco anos. O objetivo do mestre é interferir o mínimo possível no desenvolvimento próprio do jovem, em especial até os 12 anos, quando, segundo Rousseau, este jovem ainda não pode contar com a razão, pois o que lhe é ensinado visa preservar o coração do vício e o espírito do erro. Desse modo, quando adulto, o ex-aluno saberá se defender sozinho de tais perigos.

Anton Makarenko (FILONOV, 2010), era um dos defensores da “coletividade educativa”, modo conhecido atualmente na pedagogia progressista cujas vivências e o cotidiano da criança e do jovem constituem uma das partes formadoras do seu ser, dentro de outras relações existentes na vida da criança, de modo que a formação educacional se tornava apenas parte do todo. Para Makarenko, a pedagogia seria uma “ciência mais dialética” partindo do princípio que:

[...] é um processo social no sentido mais amplo do termo (...). No interior da realidade ambiente, prodigiosamente complexa, a criança entra numa infinidade de relações em que cada uma se desenvolve sem cessar, se relaciona com os outros e se complica devido ao seu próprio crescimento físico e moral. Todo este “caos” que parece não ser suscetível de nenhuma quantificação não cria menos, a cada momento, modificações na personalidade da criança. Orientar e dirigir este desenvolvimento é a missão do educador. (MAKARENKO, 1957, p. 20)

A lógica pedagógica de Makarenko apresenta uma perspectiva pluridisciplinar

no processo pedagógico sendo o todo constituído de partes de um sistema equilibrado, harmonioso, onde o educador trabalha em prol da formação da personalidade do educando que se constitui complexa, não se limitando apenas aos conhecimentos científicos divulgados e socializados em sala de aula.

Segundo Makarenko (1957), a formação do indivíduo vai além daquela para o trabalho, pois acreditava que o desenvolvimento se dava não apenas no âmbito pedagógico, mas também pela influência da sociologia, psicologia, biologia e outras ciências, bem como pautado em outras teorias da educação. Seguindo o exemplo, Rousseau, Makarenko entendia que cada criança desenvolve sua personalidade criativamente preparando-a para a vida em todos os aspectos. Para ele, o ensino não se desvincula da educação no sentido amplo, mas é típico do ambiente escolar. Para Makarenko, seu método considera a criança enquanto membro de um grupo ou sociedade, lugares onde são construídos os laços sociais exteriores, indispensáveis ao desenvolvimento do homem.

De acordo com Makarenko, as influências externas transformavam a singularidade do indivíduo, tendo como base o coletivo e a busca dos direitos de cada um. Ele delimita de forma compreensiva o papel do trabalho que pode vir a ser edificante para as crianças e adolescentes se essas enxergarem algum sentido nessa relação de trabalho. Ele acreditava que os ganhos econômicos dos jovens deveriam ser retribuídos à educação de modo que ajudasse a melhorar a vida de todos além de colocar o trabalho ao lado dos estudos, assim como as atividades artísticas, esportivas, científicas, recreativas e sociais.

A base conceitual para os estudos de Makarenko é de que a educação existe para que o homem seja verdadeiramente livre e feliz. Desta forma compreendo que Makarenko foi o verdadeiro defensor da educação integral, em sua forma esperada. Educação integral esta que é o ensino que recebemos de amplas formas ao longo de nossa vida, não somente na escola, mas também pelo que aprendemos em casa com nossa família, na rua com amigos ou mesmo com quem não conhecemos, compartilhando tais vivências. Entretanto, é na escola que esses conteúdos/conhecimentos se tornam significativos pela ação do ensino.

Makarenko se destacou por ter edificado um sistema de educação fundado sobre uma organização racional da vida da criança. Neste contexto, salienta-se que a vida é o agente a transformar as pessoas em seu decorrer e que o trabalho é um destino a se cumprir nessa lógica. A educação como integral é o que irá tornar o

indivíduo útil para a sociedade, por meio do trabalho como resultado final de toda a educação do indivíduo.

Anísio Teixeira (1962) foi um visionário no Brasil da Educação Integral. Ele enxergava a escola como ambiente complementar ao ambiente familiar, tornando essas duas instituições parte do todo em que atua o agente formador dos alunos. Neste contexto entende-se a educação integral como aquela que atende ao indivíduo em seu desenvolvimento, em todas as dimensões, num processo que ocorre durante toda sua vida. Sendo assim, a educação integral não é apenas uma modalidade, mas a definição da educação em si.

Figura 1. Síntese da educação integral para Rousseau, Makarenko e Anísio Teixeira



Fonte: da autora

Compreende-se com clareza a linha que se forma nesse caminho traçado pela educação, ao considerarmos o pensamento desses teóricos, no que se pretende ao formar as pessoas ao longo de suas vidas. A educação é parte de um todo que nos define desde o nascimento e o trabalho, na nossa fase adulta, é uma de nossas conquistas advindas da educação. Se temos a educação por si só, como educação para a liberdade, percebemos Educação Integral.

Mesmo as modificações cronológicas que podem ocorrer ao longo da História da Educação Brasileira, se tratando da forma como ocorre a educação em nosso território, nota-se como as normas sempre foram criadas e existiram para que a educação fosse um compromisso do Estado, de forma ética e política, preparando os jovens para suas vidas profissionais.

Há também a educação integral que se vê em cada ideia apresentada na pedagogia libertadora de Paulo Freire (2005), que defendia veementemente que o indivíduo toma para si uma nova visão de mundo, após ser letrado e alfabetizado. Tomo por exemplo, o projeto de alfabetização de Angicos, no Estado do Rio Grande

do Norte. Ali, Freire discutindo sobre cultura, trabalho e política, alfabetizou adultos em um curto período de tempo, tendo como resultado principal, adultos educados de forma integral, de modo que passaram a ter uma nova leitura do mundo e da sociedade.

Para a Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal, a Educação Integral em sua essência e qualidade é aquela que forma o ser humano em sua integralidade e para sua emancipação. (SEDF, 2014¹). Esta política ainda define que:

A ampliação progressiva do tempo diário de permanência do estudante na escola, previsto no artigo 34 da LDB, só faz sentido se trazer uma reorganização inteligente desse tempo. Não se trata de imaginar uma escola sem horários ou regras, mas de recriá-los em função de projeto curricular ambicioso do ponto de vista das oportunidades formativas na perspectiva da aprendizagem multidimensional do cidadão, em respeito aos direitos humanos e à diversidade. A Secretaria de Educação do Distrito Federal compreende como fundamental a reflexão sobre a Educação Integral a partir das vozes dos educadores que pensam e a fazem nas escolas cumprindo uma agenda de debates e construção do projeto de Educação Integral para os próximos períodos no Distrito Federal.

Percebe-se nesse discurso mais uma semelhança com o pensamento de Anísio Teixeira quando delimita este princípio de Educação pautado no tempo. Interpreta-se a Educação Integral como sinônimo de Educação de Tempo Integral. Ambas trabalham com o mesmo objetivo de entendimento para que o aluno se torne um cidadão “completo” em sua existência com oportunidade de conhecer tudo o que lhe for possível aprender. Torna-se, portanto, um homem completo, cidadão do mundo, capaz de se relacionar com diferentes pessoas, de diferentes culturas, culto, coerente com o que transmite e o que lhe foi ensinado.

3.2. O Programa Mais Educação

As informações deste tópico são baseadas no texto sobre o Programa Mais Educação, encontrado no portal do Ministério da Educação – MEC (MEC, 2016²).

¹Texto retirado do portal da Secretaria de Educação do Distrito Federal na Internet, sem paginação. Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/component/content/article/255-educacao-no-df/268-educacao-integral.html>

²Texto retirado do portal do Ministério da Educação na Internet, sem paginação. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso_maiseducacao.pdf.

O Programa Mais Educação foi criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

O programa se propõe em sua totalidade, a fomentar “a educação integral de crianças, adolescentes e jovens por meio de atividades sócio-educativas no contraturno escolar” (Portaria Normativa Interministerial nº 17, de 24 de Abril de 2007), levando em consideração toda a legislação vigente sobre o que se diz respeito à educação básica e direito das crianças e adolescentes:

CONSIDERANDO que o artigo 34 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, determina a progressiva ampliação do período de permanência na escola; CONSIDERANDO que o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, garante às crianças e aos adolescentes a proteção integral e todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, assegurando-lhes oportunidades a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade; CONSIDERANDO que a família, a comunidade, a sociedade e o poder público devem assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, nos termos do art. 227 da Constituição Federal; CONSIDERANDO que, segundo a Política Nacional de Assistência Social, o Estado deve prover proteção social à criança, ao adolescente e ao jovem, bem como a suas famílias, nas situações de vulnerabilidade, risco ou exclusão social, potencializando recursos individuais e coletivos capazes de contribuir para a superação de tais situações, resgate de seus direitos e alcance da autonomia; CONSIDERANDO a situação de vulnerabilidade e risco a que estão submetidas parcelas consideráveis de crianças, adolescentes e jovens e suas famílias, relacionadas à pobreza, discriminação étnico-racial, baixa escolaridade, fragilização de vínculos, trabalho infantil, exploração sexual e outras formas de violação de direitos; CONSIDERANDO a importância da articulação entre as políticas sociais para a inclusão de crianças, adolescentes, jovens e suas famílias, bem como o papel fundamental que a educação exerce nesse contexto; CONSIDERANDO que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência comunitária, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais, de acordo com o art. 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; CONSIDERANDO que o artigo 217 da Constituição Federal, define o esporte como dever do Estado e direito de cada um, reforçando o compromisso de democratizar o acesso às atividades esportivas como parte da formação integral de crianças, adolescentes e jovens; CONSIDERANDO o caráter intersetorial das

políticas de inclusão social e formação para a cidadania, bem como a co-responsabilidade de todos os entes federados em sua implementação e a necessidade de planejamento territorial das ações intersetoriais, de modo a promover sua articulação no âmbito local; CONSIDERANDO o reconhecimento, por parte do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária, do papel das atividades pedagógicas e sócio-educativas no contraturno escolar à prevenção de ruptura de vínculos familiares de crianças e adolescentes; e CONSIDERANDO a necessidade de ampliação da vivência escolar de crianças, adolescentes e jovens, de modo a promover, além do aumento da jornada, a oferta de novas atividades formativas e de espaços favoráveis ao seu desenvolvimento.

Desta forma, entende-se porque o ambiente em que se dá no Projeto de Educação Integral da Escola é diferente, a princípio, do de sala de aula, onde há um professor que fica situado na frente da sala, dando aula para os alunos enfileirados, sentados, e comumente realizando exercícios nos livros didáticos. A ideia aqui seria justamente ser uma educação complementar aos alunos, que se dá de forma diferenciada, para interesse e compreensão melhor das atividades por parte dos alunos.

É parte integradora do Programa a intenção de que este se estenda para fora dos muros das escolas, fazendo com que a comunidade seja parte nas inúmeras possibilidades educativas. Isto também se vê no próprio “Currículo em Movimento”, adotado pela Secretaria de Educação do DF entendendo que os vários espaços, além da escola também podem ser ambientes educacionais e prevê como educação integral, algo além do previsto no Programa Mais Educação (CURRÍCULO EM MOVIMENTO. EDUCAÇÃO INTEGRAL. 2012, p.7):

Em consonância com as políticas educacionais propostas pelo MEC, e indo além dessas proposições, este Caderno de Educação Integral orienta e convida educadores, comunidade escolar e sociedade civil à compreensão e à realização de uma proposta educacional libertária, inovadora, inclusiva e produtora de cidadania.

Entende-se que a própria Secretaria de Educação do Distrito Federal compreende que a educação integral vai além das propostas de políticas educacionais do MEC e vê em seu currículo a possibilidade de orientar para que a Educação Integral não aconteça apenas no ambiente escolar, tendo na comunidade escolar e sociedade civil a oportunidade de oferecer uma educação que vai além das disciplinas em sala de aula.

3.3. Princípios da Educação Integral

Não poderia discorrer sobre Educação Integral sem antes esclarecer o próprio conceito de educação, que mesmo sendo analisada como formal, não-formal e informal, não costuma se diferenciar tanto aos olhos dos diferentes estudiosos da área. Moacir Gadotti (2005) ao discorrer sobre Educação, traz o conceito sustentado pela Convenção dos Direitos da Infância, que vai além do ensino escolar e que o indivíduo carrega a experiência de vida que os processos de aprendizagem não-formais desenvolvem a autonomia da criança. Ele conceitua educação formal e não formal dizendo que

A educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. A educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema seqüencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem. (GADOTTI, 2005, p. 2)

Em Libâneo (2010) encontrei o conceito de educação informal. Para este, seriam todas as influências que predominam, de modo não intencional, não sistemático e não planejado, no processo educativo do indivíduo. Tratando como educação intencional a formal e a não-formal em sua totalidade.

O entendimento do que se dá como educação integral, trago também à luz de Gadotti (2009, p. 37), que diz que a educação integral é uma “concepção geral de educação, que trabalha em todos os setores da vida do indivíduo, inclusive como uma educação cidadã”.

Para Paulo Freire (2005), Educação Integral é quando o homem toma a educação como a possibilidade de “ser mais”, que problematizando a educação como parte histórica e política das vivências pessoais e interpessoais o homem poderá se perceber, mesmo como um ser inacabado, que o processo educativo é uma forma de se construir como indivíduo por meio de suas vivências. Desta forma ele percebe o homem como sujeito da própria educação, pois, como defende Freire (2005, p. 78), “ninguém educa a ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

O presente estudo percebe uma diferença significativa, um equívoco, pois se

a educação integral trata da formação do indivíduo em várias esferas, a educação em tempo integral trata de manter o aluno em ambiente escolar por um período mais prolongado. São modalidades distintas e, cada uma possui sua finalidade. Entretanto, o Estado capitalista tem apregoado um discurso de que a verdadeira educação é aquela que reproduz os valores da República distorcendo o termo “Integral” na Educação.

Do ponto de vista do capital, a educação de “período integral” é a “educação ideal” destinada ao trabalhador que não tendo tempo para educar seus filhos transfere para a escola essa responsabilidade. Nessa circunstância, a escola ofertando uma “educação de período integral” tende a ocupar o tempo das crianças evitando de estarem nas ruas ou desacompanhadas. Com essa realidade, surgem também outras questões que envolvem a educação integral, como por exemplo, qual o verdadeiro papel da escola e dos pais na formação do aluno? Quem são os responsáveis pela educação no sentido “lato” e “strictu” da palavra? Sabemos que educação não se resume à formal.

Esse sentido da educação, que costuma-se dividir entre “educação dada pelos pais” e “educação dada pela escola”, também está incluso no rol das possibilidades da educação integral pois, se esta vem formar o homem como indivíduo completo, a família está presente em todo o processo.

Ao se pensar na Educação como ação transformadora do sujeito idealiza-se uma concepção de Educação Integral à luz da Pedagogia Histórico-crítica representada no Brasil por Saviani (2008), Gasparin (2007) e Gadotti (2009). Trata-se de uma concepção de educação formadora e libertadora do homem em sua totalidade (BOTO, 2003). Carlota Boto (2003) nos lembra que esta Educação integral foi forjada no movimento operário da modernidade francesa suscitando no homem o desejo pela emancipação pautada numa formação educacional em vários aspectos, emocional, esportiva, moral, afetiva, além da educação cognitiva.

Diante deste quadro, percebe-se que a política de Educação Integral está sendo aplicada em prol de uma educação de qualidade num país que tem como uma das metas no Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014, p.10) “oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% (vinte e cinco por cento) dos(as) alunos(as) da educação básica”. Entretanto, percebe-se que a implantação da modalidade de Educação Integral nas escolas brasileiras visa manter os alunos nas

escolas por mais tempo.

Segundo Marx (1988) a base materialista do mundo em que vivemos é construída pelas forças produtivas, mão de obra, pessoal, máquina, técnicas, e nas relações pessoais entre os que fazem esta máquina funcionar e a forma como essas relações se dão é o que organiza toda a sociedade, tanto econômica, política, quanto socialmente. Para Marx é o mundo material que, organizado, faz funcionar o mundo das ideias. Logo, para se pensar numa maneira de educação própria para a classe trabalhadora nos faz pensar em que a Educação Integral é o ideal, por ser aplicada justamente em sua forma mais ampla.

Gadotti (2009) nos lembra que Marx denominava esta Educação que destacamos aqui como Educação Omnilateral, ou seja, a educação do homem completo. Ele compreendia o homem como ser real, de ação em condições objetivas de existência. Neste sentido, a omnilateralidade, ditada por Manacorda (2007, p. 89) e iluminada por Marx é:

[...] a chegada histórica do homem a uma totalidade de capacidades produtivas e, ao mesmo tempo, a uma totalidade de capacidades de consumo e prazeres, em que se deve considerar sobretudo o gozo daqueles bens espirituais, além dos materiais, e dos quais o trabalhador tem estado excluído em consequência da divisão do trabalho.

Este princípio de educação, rechaça a ideia de que o homem se educa em determinados momentos, pois apreende-a como algo fundamental a si, o tempo todo, ou seja, integralmente, por toda sua vida. Destarte, abordar educação de tempo integral parece redundância. A educação em tempo integral ocorre em todos os tempos e espaços sociais, no aqui e no agora.

Para Gadotti (2009, p. 41):

Há muitas maneiras de pensar a educação integral. Não há um modelo único. Ela pode ser entendida como um princípio orientador de todo o currículo, como a educação ministrada em tempo integral ou como uma educação que leva em conta todas as dimensões do ser humano, formando integralmente as pessoas.

Diferentemente do Marx, Anísio Teixeira trouxe outro sentido de Educação Integral do campo das ideias para a realidade do capitalismo relacionando-a ao tempo. Sua proposta de Educação Integral partiu da crítica que fazia a escola tradicional. Entretanto, as ideias de Anísio Teixeira se localizam no Paradigma

Hegemônico, especificamente na corrente Escolanovista. No Manifesto dos Pioneiros de 1932, ficou explicitado o que viria a nortear, no futuro, o que Teixeira idealizava como Educação Integral, ao menos em teoria, dizendo que:

A educação nova, alargando a sua finalidade para além dos limites das classes, assume, com uma feição mais humana, a sua verdadeira função social, preparando-se para formar "a hierarquia democrática" pela "hierarquia das capacidades", recrutadas em todos os grupos sociais, a que se abrem as mesmas oportunidades de educação. Ela tem, por objeto, organizar e desenvolver os meios de ação durável com o fim de "dirigir o desenvolvimento natural e integral do ser humano em cada uma das etapas de seu crescimento", de acordo com uma certa concepção do mundo (AZEVEDO, 1932, p.4)

Ele via na educação integral um modelo a ser seguido em todas as escolas públicas do Brasil, coisa que conseguiu colocar em prática apenas em algumas escolas do Distrito Federal como as Escolas Parque, um ambiente onde as crianças e adolescentes interagem com a sociedade e a escola.

A filosofia da escola visa a oferecer à criança um retrato da vida em sociedade, com as suas atividades diversificadas e o seu ritmo de preparação e execução, dando-lhes as experiências de estudo e de ações responsáveis. Se na escola classe predomina o sentido preparatório da escola, na escola parque predomina o sentido de atividade completa. [...] é necessário reconhecer a escola primária função bem mais ampla do que a da escola primária tradicional da sociedade já desenvolvida (TEIXEIRA, 1962, p. 25).

A questão da educação de “qualidade” acaba por ser a pauta de grande parte da discussão sobre o que seria uma Educação Integral pois vemos que além da dificuldade que muitos têm de desvincular a ideia de “integral” à de tempo, há também a discussão de que o próprio período integral pode ser importante ao aluno, pois este pode estar aproveitando todo o tempo que passa no ambiente escolar, para aprimorar o conteúdo visto em sala de aula.

No Brasil, um dos Programas apoiados pela UNESCO, chamado “Mais Educação” (UNESCO, 2014), foi criado pelo MEC como estratégia para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral (MEC, 2014a). Este programa encontra-se implementado em várias escolas espalhadas pelo Brasil, inclusive algumas no Distrito Federal, consolidados em seus próprios Projetos Político-Pedagógicos. A intenção é promover tal modalidade como parte integradora do Currículo em Movimento adotado em todo o território como

pressuposto de trabalho a ser seguido. (SEDF, 2014).

O projeto da Secretaria de Educação do DF, sobre Educação Integral, se originou com o ideal de Anísio Teixeira planejado para ser aplicado nas Escolas Parque. Ali os alunos seriam preparados como “cidadãos do futuro e do mundo industrializado” (SEDF, 2012, p. 23):

Cabia à escola a preparação ampla deste novo cidadão da sociedade moderna, que iria além das quatro horas diárias de estudo, em direção à educação integral, que não se resumia em dois turnos na escola, mas em oito horas de formação do indivíduo com atividades de estudo, trabalho e também esporte e recreação, incluindo-se intervalo para o almoço. A ideia da Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal [...] de promover a educação integral é um resgate da própria história de Brasília, que se confunde com os ideais de Anísio Teixeira para a escola, como um espaço de múltiplas funções e de convívio social, que busca o desenvolvimento integral do ser humano. Trata-se de uma visão peculiar do homem e da educação. O homem não é um ser fragmentado, um “Frankenstein” dividido e depois juntado em partes. É um ser único, especial e singular, na inteireza de sua essência, na inefável complexidade de sua presença. E a educação é uma grande arte de convivência, que une os homens entre si em torno do direito de aprender e da conquista da cidadania.

Ao relacionar o conceito de Educação Integral com o Programa Mais Educação, criado pelo MEC pelo DECRETO Nº 7.083, DE 27 DE JANEIRO DE 2010 (MEC, 2014), constata-se que é neste momento que a Educação Integral passa a ser denominada “Educação de Tempo Integral”, como consta na letra da Lei:

Art. 1º O Programa Mais Educação tem por finalidade contribuir para a melhoria da aprendizagem por meio da ampliação do tempo de permanência de crianças, adolescentes e jovens matriculados em escola pública, mediante oferta de educação básica em tempo integral.

§ 1º Para os fins deste Decreto, considera-se educação básica em tempo integral a jornada escolar com duração igual ou superior a sete horas diárias, durante todo o período letivo, compreendendo o tempo total em que o aluno permanece na escola ou em atividades escolares em outros espaços educacionais. (BRASIL, 2014)

Enfim, tanto o conceito de educação integral conhecido em sua essência, quanto o conceito estabelecido pela Secretaria de Estado e Educação do DF e pelo Programa Mais Educação do MEC, parecem incutir a ideia de valorização da emancipação do homem. No entanto, oferecendo uma educação pautada, efetivamente, na ocupação do tempo livre dos estudantes, que não possibilita ao sujeito o pensamento crítico e autônomo. Como abordou-se anteriormente, o conceito de Educação Integral em Marx rechaça a vinculação com o tempo, pois

neste, o homem aprende, durante a sua existência, numa perspectiva de valorização do pensamento livre e autônomo.

4. O DESENHO METODOLÓGICO

A pesquisa, de natureza qualitativa, foi pautada em um estudo empírico com a pesquisadora vivendo as mesmas experiências que professores, monitores e alunos em sua rotina escolar, realizada com base nas observações e relatos ocorridos numa instituição escolar pública, situada na Ceilândia, Cidade Satélite do DF.

Sobre pesquisa, Pedro Demo (2000, p. 82-3) destaca:

[...] reconstruir conhecimento, partindo do que já existe e passando para outro patamar com maior ou menos originalidade, mas sempre com um passo à frente. Implica habilidade metodológica mínima, em termos de saber montar propostas dotadas de alguma cientificidade, em particular a capacidade de argumentar. Geralmente, supomos manipulação de dados ou de informação, denotando inserção clara no real. Toda pesquisa procede pela via do questionamento, porque tem como ponto de partida, questões não respondidas e que procuramos responder de alguma forma. Por isso, desconstrói o que imagina não estar adequadamente montado, e reconstrói de modo alternativo, dentro da expectativa de que, nesse processo, ganhamos conhecimento anterior [...]

A pesquisa é procedimento que induz ao pensamento crítico, inclui sempre a autocrítica de quem pesquisa porque não sabe tudo, realça a presença do sujeito capaz de proposta própria, e, não por último, planta a cidadania que sabe usar uma das energias mais decisivas de intervenção que é o conhecimento. [...] pesquisar não é apenas oferecer argumentos, é também, no mesmo processo, provocar contra-argumentos.

É com esta compreensão de Demo sobre pesquisa que desenvolvi o estudo ora apresentado.

Sobre o campo de pesquisa optei por uma escola de tempo integral, com alunos dos 3º e 4º anos do Ensino Fundamental, sujeitos da pesquisa. A turma observada era, na verdade, o que a escola apresenta como Projeto da Educação Integral, um grupo de alunos de diversas turmas de 3º e 4º ano com perfil “diferenciado” dos outros alunos, aptos pelo perfil traçado pela escola, a participar do Projeto de Educação Integral, implementado na Secretaria de Educação pelo “Mais Educação”. A professora regente que me acompanhou era a coordenadora do Projeto.

Intencionei compreender se a Educação Integral que o Programa e a Secretaria de Educação do DF desenvolve é a mesma a que me referi nos estudos teóricos apresentados no capítulo anterior. Quis saber como esta educação é aplicada na escola e se é formadora do homem integral ou se está somente sendo uma educação de tempo integral, para as crianças não ficarem na rua.

Após a observação participativa, apliquei um questionário com a coordenadora pedagógica da Educação Integral para entender o funcionamento da escola e de seu desempenho no Projeto, além de caracterizar a forma que ocorre a Educação Integral na instituição. Também utilizei um diário de bordo em que registrei toda minha vivência naquele espaço.

Realizei observações em dois períodos (matutino e vespertino) intercalados, durante o primeiro e o segundo semestre de 2016. Consegui registrar junto às atividades desenvolvidas no projeto, os agentes que participam do programa e o ambiente escolar como um todo. Na primeira parte das observações eu participei de forma voluntária das atividades. As crianças me chamavam para brincar com elas e pediam que eu ajudasse as monitoras com as tarefas. No segundo momento eu participei de algumas atividades também de forma ativa, pois tive algumas dezenas de horas de regência de ensino com as crianças. Nesse período, enquanto as monitoras e a orientadora me observavam, pude notar que havia um entrosamento entre todos os indivíduos desta relação que se formava em sala para além do que normalmente se vê em “sala de aula”, pois, esporadicamente, todos se tratavam como iguais, sem tamanha hierarquia do tratamento professor-aluno.

Implementei o questionário com a orientadora no meu último dia de observação, onde pude perceber não apenas as impressões da profissional da área de educação, mas também a posição dela como membro da comunidade escolar e da sociedade em que vive.

No capítulo seguinte apresentarei as análises dos dados pesquisados e apontarei a minha compreensão sobre o tema e objeto desta pesquisa.

5. PONDERAÇÕES

Analisar os papéis dos agentes participantes do projeto de educação integral de uma escola do DF é o objetivo deste capítulo. Realizei observações, durante o Estágio Supervisionado, nessa escola nos períodos matutino e vespertino.

Observei que a escola oferece turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e tem uma “turma” de Educação Integral, esta se dá numa sala própria, com horário diferenciado (09:30 – 13:00 / 13:00 – 15:30). Esta realidade me permitiu analisar o perfil dos personagens principais deste processo, que descrevo baseada nas minhas vivências e nos relatos dos agentes participantes do Projeto, registrados em meu diário de bordo.

5.1 Os estudantes

Os estudantes que fazem parte do Projeto/Programa de Educação em Tempo Integral são selecionados pelos professores dos 3º e 4º anos considerando um conjunto de critérios pré-definidos pelo programa. Cada professor indica até 5 alunos que acredita carecer de “mais atenção”. São, geralmente, alunos carentes, agressivos e com pouca atenção dos pais devido não terem com quem ficar enquanto estes trabalham. Também são candidatos ao Programa alunos com algum déficit de atenção ou problema de aprendizagem, seja por necessitarem de apoio pedagógico maior para acompanharem a turma, seja por que precisam de mais atenção e afetividade.

Estes estudantes são acolhidos neste ambiente educativo no intuito de estimular a formação de valores, direitos e deveres, respeito, assim como principalmente o afeto e carinho para com esses alunos. A coordenadora declarou que essa ação pedagógica tem proporcionado grandes avanços na educação e formação dos sujeitos (alunos) envolvidos.

Percebi que a maioria dos alunos atendidos pelo Programa são de origem carente e moradores de uma favela próxima. Durante a minha estadia na escola escutei histórias boas e tristes a respeito da vida desses estudantes. Existem alunos que tem a família constituída de pai, mãe e irmãos e estão ali, pois tem algum problema de aprendizagem ou apenas porque os pais trabalham o dia inteiro e a

criança não tem com quem ficar, logo ficam na escola. Há alguns que não têm pai e mãe presentes, seja por falecimento ou por restrição da liberdade. É a realidade de muitos, que talvez por influência do local onde vivem, se entregaram ao mundo do crime – e por isso são criados por tutores. Alguns alunos têm acesso a drogas e armas em casa, o que me fez pensar que nem em casa estas crianças estão seguras, além daquelas que sofreram ou sofrem abusos, seja violência física, verbal ou sexual e mesmo a escola já tendo tomado as providências que lhes cabe, a criança ainda demonstra insegurança ou ainda se sente ameaçada no ambiente doméstico.

Por todos esses motivos a coordenadora me informou que um dos papéis da Educação Integral na escola é acolher bem os alunos, fazê-los se sentirem queridos, amados e respeitados por todos os que lhes cercam, garantindo-lhes o mínimo de educação de qualidade.

5.2 Os monitores

Os educadores sociais, também chamados de monitores, são escolhidos por meio de um processo seletivo como previsto e nos padrões do Programa “Mais Educação”. Esses monitores me declararam que a seleção ocorre por meio de uma entrevista bastante rigorosa.

Os interessados a vaga de monitoria precisam realizar inscrição, apresentar currículo e outros títulos que são avaliados quantitativamente. Um dos monitores disse, por exemplo, que ter participado de programas sociais, estar estudando, ter sido aceito pelo ProUni, entre outros aspectos, permite uma excelente avaliação e, conseqüentemente, aprovação.

Na escola existem 5 monitores. Duas ficavam no período da manhã em sala com os alunos e duas no período da tarde. Um outro não ficava todos os dias, mas se apresentava nos dois turnos, trabalhando com os alunos fora de sala, como na quadra, ou em outro ambiente realizando algum jogo ou brincadeira com as crianças.

O perfil dos monitores se diferencia bastante, talvez pela forma genérica como são escolhidos. Uma coisa que me chamou a atenção é que nenhum deles possui formação na área de educação. De todos, apenas dois fazem curso superior em

instituição particular, e até frisaram várias vezes que estão ali também para terem uma condição a mais de pagar pelo curso que fazem.

As monitoras do período matutino sempre mantinham os alunos em sala, pois essas não gostavam de realizar as atividades diferentes das que já são feitas pelos alunos em sala de aula no regular. Logo, elas quase sempre deixavam fazer apenas aqueles exercícios de folha em que o aluno fica sentado respondendo e, ao final da aula, são corrigidos. Vi por algumas vezes elas analisando as atividades dos alunos de maneira equivocada. Possivelmente pelo fato de não possuírem qualquer formação na área de educação, além de algumas questões serem de natureza cultural de cada uma. Por exemplo: acreditar que o aluno pode ser castigado de forma vergonhosa como colocar o aluno em pé, virado para a parede e na frente de todos, por ter insistido veementemente que gostaria de fazer a oração inicial enquanto a monitora queria escolher algum aluno que “não estivesse pedindo para fazer”.

As monitoras do vespertino se mostravam mais receptivas às propostas de atividades diferenciadas, além de conduzirem quase todos os dias os alunos para realizarem as atividades fora da sala. Na turma do vespertino, havia, aproximadamente, 50 alunos e a sala não comportaria todos. Elas também se mostravam mais conscientes de como tratar as crianças. Não as vi em nenhum dia agindo de forma incoerente com os alunos e mesmo não tendo formação na área de educação, elas se mostravam mais a par de como agir naquele ambiente.

Dessa forma, em vários momentos me vi questionando a eficácia do Programa e logo, da Educação Integral para a formação dos alunos. Penso que os monitores deveriam ser escolhidos com mais cuidado e rigor e sei que mesmo sendo o valor da bolsa que eles recebem, o que mais atrai estes monitores, eles deveriam entender que ali a sua atuação com as crianças é o que mais influencia para a formação delas.

5.3 A “sala de aula”

Há também o relato da coordenadora de que durante este ano a escola não recebeu a verba repassada pelo governo federal à manutenção do Programa. Ela disse que normalmente esse dinheiro é o que custeia osicineiros, que são contratados para ministrar algumas oficinas de várias modalidades, como música,

capoeira, artes marciais, xadrez, artes plásticas, entre outros. Essas oficinas são o que deveria de fato ocorrer no dia a dia dos alunos, mas como a escola não tem tido essa verba, somente os monitores permanecem na escola.

Geralmente a rotina dos alunos é somente com a atuação dos monitores e da coordenadora da Educação Integral. Esta é quem faz toda a elaboração das atividades que vão ser desenvolvida pelos alunos durante a semana. Os monitores não participam da coordenação, se dedicando exclusivamente ao desenvolvimentodas propostas da coordenadora. Apesar dos monitores não participarem diretamente deste processo, as do matutino têm uma certa resistência com as atividades propostas declarando que é comum os alunos não gostarem de fazer essas atividades, que adoram fazer os exercícios em folha. No entanto, eu percebi o contrário, que eles gostam sim e que na verdade essa resistência das monitoras atrapalha o plano proposto pela coordenadora.

Ao entrarem em sala de aula, os alunos logo se acomodamem suas carteiras. Quando já acomodados as monitoras do matutino os mantem sempre sentados no mesmo lugar, como se houvesse um mapeamento, para “tentar manter os alunos mais quietos”. Em seguida, elas escolhiam um aluno para fazer a oração que ficava fixada à parede de entrada da sala. Os alunos repetiam mecanicamente a oração. O aluno que desobedecesse algo nesse momento era chamado a atenção, pois deveria ser uma “hora de respeito”, como disse uma vez uma das monitoras. Considero que uma oração reproduzida mecanicamente não faz sentido algum para os alunos, mas, do ponto de vista do Estado laico, acredito que no âmbito da educação também deveria se manter assim, cada um tendo sua própria fé e respeitando a fé do outro.

As atividades propostas são quase sempre realizadas com a turma dividida em pequenos grupos devido a grande quantidade de alunos por turma. É grande tanto para ficar em sala, ou na quadra ou mesmo na sala de informática pois há apenas 10 computadores para uso dos alunos. Logo, fazem uma divisão de “Turma A e B” no matutino e “Turma C e D” no vespertino. Geralmente enquanto uma turma vai para a informática a outra fica em sala ou vai para a quadra. No horário seguinte eles trocam, para que todos os alunos façam as mesmas atividades por dia.

Em sala eles normalmente fazem atividades no caderno ou jogos, brincadeiras, de letramento e alfabetização, de português e matemática. Lêem gibis e livros, além de ver a filmes e ouvirem historinhas contadas, para depois debater o

assunto, mas tais atividades não se diferiam muito do lugar comum da sala de aula. Em nenhum momento vi os alunos se indisporerem em fazer alguma atividade, muito pelo contrário, eles sempre pareciam gostar muito. Todos parecem gostar bastante da Educação Integral e de todos os monitores.

Em alguns momentos neste período de observação, alunos vinham me perguntar o que eu estava fazendo e eu sempre explicava. Um aluno ao me ouvir perguntou se eu só estava escrevendo coisas ruins e eu de pronto respondi que não, pois estava vendo eles realizarem e aprenderem muitas coisas boas e até então não tinha visto nada de ruim. Com esta fala do aluno eu percebi que alguns deles têm baixa autoestima e a forma como são denominados pelos educadores de “bagunceiros”, o que não é verdade, visto que o que percebi foi uma certa falta de paciência dos monitores para com estes estudantes.

5.4 As Observações

Como o objeto da pesquisa é a Educação Integral, escolhi por ficar durante todos os períodos nos dias observados. As atividades se iniciam às 09:30 da manhã, o almoço é servido das 12:00 às 13:00 e o dia termina às 15:30 e é preciso ressaltar que o almoço é considerado parte das atividades do Integral.

Neste período observei como acontecem as atividades da sala e percebi que normalmente os alunos estavam divididos em dois grandes grupos. Geralmente, enquanto um grupo estava fazendo uma atividade na sala de informática, o outro estava na biblioteca fazendo alguma leitura, ou enquanto um grupo estava na quadra brincando de queimada ou algum jogo de bola, outro grupo estava em sala fazendo atividades de português e matemática.

Nas atividades em sala, normalmente eram feitos exercícios de folha, de português ou matemática, alguns exercícios de interpretação ou de continhas. Particularmente não achei que eram atividades diferentes do que os alunos já estavam acostumados a fazer em sala de aula regular. Percebi que os alunos continuavam naquele ambiente estudando os mesmos conteúdos trabalhados em sala de aula regular, mas ali naquele espaço o faziam de forma diferenciada.

5.5 Entrevista com a Coordenadora Pedagógica

Neste tópico discorro sobre o que coletei da entrevista que fiz com a Coordenadora Pedagógica da Educação Integral da escola em que fiz as observações.

Sobre a positividade do Programa Mais Educação a Coordenadora afirma que o modelo influencia, pois atinge o interesse dos alunos e a capacidade operacional das escolas. Em outra questão perguntei se percebia se os alunos gostavam do Programa o que logo me respondeu que sim. Para ela as oficinas é o que mais os atrai. Sobre o crescimento qualitativo dos estudantes participantes deste Programa, a coordenadora afirmou que ocorre, especialmente, porque desenvolve habilidades de raciocínio lógico matemático e leitura.

Sobre o sucesso do Programa pelos atores externos ao Programa (professores, comunidade, secretaria...), a coordenadora reconhece que é pouco valorizado, porque o conteúdo desenvolvido nas oficinas, as práticas pedagógicas dos monitores estão em desacordo com o PPP da escola, tendo em vista que não possuem formação pedagógica para desempenharem adequadamente.

Outro motivo é a falta de integração dos envolvidos no Programa com os demais atores da escola. É como se fossem duas realidades no mesmo espaço. A coordenadora afirmou que se todos os professores regentes, se envolvessem significativamente nas ações, haveria maior entrosamento entre todos os atores da escola. Para revitalizar o Programa a coordenadora entende que é preciso incluir outras práticas como artes, jogos, recreação e técnicas de atividades cognitivas. Tudo isto de modo interdisciplinar.

Questionada sobre o envolvimento da família a coordenadora demonstra desencanto pelos pais, tendo em vista que demonstram desinteresse por estarem sempre ausentes devido a seus trabalhos. Para estes, cabe a escola cuidar e vigiar seu filho. Este é o entendimento da família sobre o Programa. Por todas estas razões, a coordenadora acredita que o Programa não é viável para as escolas pois necessita de espaço físico adequado, algo que nem todas as escolas possuem. Para completar a coordenadora avalia que o Programa deixa a desejar pois não consegue transmitir, principalmente aos pais, o seu principal sentido pedagógico. Para os pais o que importa é que a escola “é o espaço para que a criança fique fora da rua com alguém que possa vigiar, alimentar e cuidar”.

Após o período de observação, a leitura na íntegra do diário de bordo e a entrevista com a coordenadora pedagógica, penso que o sentido de Educação

integral proposto pela política de educação do GDF não visa a emancipação do aluno, pois não oportuniza ao aprendiz à omnilateralidade, como diz Marx ou que ele pudesse “ser mais” como previa Paulo Freire.

No cotidiano da escola, as aulas limitam-se ao “fazer pelo fazer” para ocupação do tempo, como consta nos Programas Mais Educação e Educação de tempo integral. Diferente do que se lê no documento do Currículo em Movimento, que prevê a educação além do Programa do MEC, onde visaria a educação do aluno para que ele se constitua cidadão emancipado em suas funções percebe-se que na prática as vivências são bem diferentes do proposto. Não por um trabalho mal realizado pela escola ou por um Projeto não satisfatório, mas porque é notável que há em todo o sistema educacional um déficit para que haja a tão sonhada educação integral. Mesmo que esta não precisasse do tempo integral para existir, há ainda muito o que se buscar para que de fato se realize o trabalho ideal, visto que como sendo dependente de um Programa Federal a escola se vê, em muitos momentos, precisando retirar de outros recursos para que o Projeto ocorra na escola como previsto em seu Projeto Político Pedagógico.

Com as observações pude perceber que apesar da falta de preparo pedagógico dos monitores, eles se esforçam para fazer o que acreditam ser o melhor trabalho que podem desenvolver junto a coordenadora da escola. A propósito, é a coordenadora a pessoa que mais acredita na viabilidade do Programa para a formação dos alunos e pensa que está ali contribuindo para a formação integral daquelas crianças.

Considero que se houvesse maior interesse das Coordenações Regionais de Ensino poderiam selecionar os monitores de forma mais criteriosa, selecionando profissionais licenciados na docência e pedagogos para agir adequadamente com as crianças. Todavia, parece ser algo proposital, ao mesmo tempo que oportuniza um Programa, aparentemente, transformador, seu provimento ocorre de modo insatisfatório. É evidente que o Estado não quer a população “pobre” instruída, tampouco acolhida e emancipada, pois sendo alienada é mais fácil do Estado capitalista manipulá-la.

Penso também que a escola poderia, como um todo, se mostrar mais interessada no trabalho desenvolvido neste projeto. Vejo que a coordenação trabalha na escola de forma a tentar fazer toda a comunidade se sentir pertencente àquele processo que acontece dentro daquela pequena sala, no final do último

corredor, que mesmo com os alunos se sentindo excluídos – e tendo cada um, uma história de vida sofrida –, têm sempre os rostinhos repletos de sorrisos e estão sempre carregando alguma coisa boa para oferecer.

Eu recebi muitos abraços, muitos sorrisos, muitos bilhetinhos com coraçõezinhos desenhados, e daquele aluno que me perguntou se eu estava anotando coisas ruins sobre eles, ganhei nos últimos dia de observação, um pedido de que quando eu me tornasse professora eu fosse lá dar aula para ele. Sei que possivelmente eu não venha dar aula para ele, mas espero um dia poder ter a oportunidade de fazer por meus alunos o que a coordenadora da educação integral desta escola faz pelos seus.

Há ainda que se desmistificar a ideia de que a educação integral existe como aula de “reforço” aos alunos, dando mais ênfase aos trabalhos desenvolvidos nas áreas de Português e Matemática, do que outras disciplinas, ou mesmo trabalhar de forma a descartar outros tipos de saberes da vivência dos alunos. Entendo que trabalhando desta forma deveria se aderir ao nome “Educação de Período Integral”, de modo que ficasse claro o objetivo do projeto em manter a jornada ampliada, mas que não necessariamente esteja trabalhando para a formação emancipadora dos alunos da escola, visto que, pelo analisado no presente trabalho, a educação integral pode acontecer plenamente quando há condições viáveis dos indivíduos no processo de educação, mesmo que este ocorra em apenas um período de aula, pois há que se entender que a educação por si só, em todos os seus aspectos é o que caracteriza a educação integral que tanto se fala.

Concluo este capítulo com a segurança de ter conseguido analisar os papéis dos agentes participantes do projeto de educação integral de uma escola do DF.

6. ALINHAVOS OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educação Integral, aquela que busca a integração do homem para sua emancipação? Com a leitura e análise dos teóricos especialistas em educação, compreende-se como o termo educação integral tem sido utilizada com outra conotação pelo Programa Mais Educação. Percebi uma preocupação em manter o aluno no ambiente escolar durante um período a mais, além de que, durante o horário regular de aula, não necessariamente ocorrem integralmente os processos de ensinar e aprender.

Há de se notar que tanto na legislação local, pelo Currículo em Movimento, quanto na base legal nacional, dado pelo Decreto do Programa Mais Educação, a ideia de educação para a integralidade, percebe-se uma ênfase na questão do tempo em que o aluno passa na escola. O que se pretenderia no contraturno é suprir aos alunos que participam do programa, o déficit que lhes segue para fora de sala de aula.

Baseio-me nos conceitos de Rousseau, que diz que a criança deve ser educada livre, para se conseguir a educação em toda sua plenitude. Nos ditos de Makarenko a educação é um processo social. Nas crenças de Paulo Freire a educação deve ser libertadora. Diferentemente para Anísio Teixeira a educação integral pauta-se no tempo, espaço e na oportunidade, assim como previsto no documento inicial para a implantação do Currículo em Movimento no Distrito Federal, que concebe a Educação Integral como um modelo a ser seguido, de forma a se espelhar também no Projeto Político Pedagógico Professor Carlos Mota (SEDF 2013, Pg. 7):

Visando contribuir com o planejamento democrático, com a organização e a administração coletivas de um ensino público que contemple a integralidade do ser, a sustentabilidade humana e a integração da escola na e com a comunidade, a cidade e o meio ambiente.

Note-se que o tempo para a educação integral é utilizado para trabalhar as questões possíveis para se alcançar a integralidade do homem a que tanto me refiro.

Penso também que deve-se observar quais são os agentes desse processo, que tem em sua legislação no Artigo 2º, inciso V de seu Decreto, a indicação de como há de se ter um espaço de formação de professores, enquanto a realidade

mostra que os monitores escalados para participarem desse processo não são de fato preparados ou instruídos da forma correta para a formação do aluno.

Creio que o presente trabalho foi bastante fiel às minhas impressões e vivências na escola em que acompanhei o Programa Mais Educação. Pude perceber que a vontade da escola de fazer acontecer o Programa, assim como previsto em seu Projeto Político Pedagógico, existe, mas que por muitas barreiras existentes não se torna completamente possível, nem em qualidade de ensino na jornada ampliada, nem em caráter do que é considerado educação integral para a formação plena do aluno. Há, apenas, a segurança que os alunos estão num ambiente diferente da rua se ocupando de alguma forma, mesmo que longe dos olhos dos pais, mas ao alcance das suas vontades como responsáveis.

Assim, como havia começado meu relato neste trabalho realizado com muita paixão pelo que aprendi a chamar de “Educação”, acredito que a Pedagogia foi uma das melhores escolhas que fiz na vida. Tudo o que vivi no curso, me levou a querer ser a professora e a pesquisadora que estou me formando, e sei que isso tudo é reflexo do que vivi antes de chegar à Faculdade de Educação e espero que esse seja apenas o início desta vida acadêmica que estou aos poucos vivenciando, porque já faz parte dos planos de onde quero me encontrar durante os próximos anos. Penso que nos tornamos professores, educadores, pesquisadores justamente para tentarmos fazer o melhor em sala de aula, o que acreditamos ser uma boa educação. E é com este propósito que concluo este trabalho e vislumbro o meu futuro.

6.1. Perspectivas profissionais

Sempre gosto de imaginar meu futuro me questionando, “onde estarei em cinco anos?”. Confesso que há cinco anos, as minhas perspectivas eram outras, completamente diferentes do que estou vivendo hoje e isso me surpreendeu. Não que eu tenha vindo parar num lugar onde eu jamais me imaginaria, acho que em todo o tempo eu sabia que ser professora iria ser parte da minha vida de alguma forma. O que jamais projetaria era me identificar tanto com a profissão e enxergar nela algo que vai além do “alfabetizar crianças” que quase todo estudante de pedagogia acredita nos primeiros semestres.

Tenho certeza que o curso de Pedagogia me manteve confiante de concluí-lo com o mesmo entusiasmo que o iniciei. Durante o curso me percebi como pesquisadora em sala de aula, tendo a docência como papel fundamental para que isso aconteça. Percebo a sala de aula como um rico espaço de pesquisa a todo momento para o professor, tendo em seus alunos e em sua prática a melhor oportunidade de se aprimorar na profissão.

Se no início eu não me via como professora ou tendo na docência o sal da minha felicidade, entendo hoje que eu estive no curso de Pedagogia para me descobrir como pesquisadora que sempre fui, mesmo sem saber. Acredito que a docência como prática pedagógica se faz necessária em todos os âmbitos da formação, mesmo para quem acredite que não se encaixa numa sala de aula, pelo fato de ser ali o lugar onde ocorre a vivência necessária para qualquer que seja a função que venha a desempenhar depois.

Logo, tenho como perspectiva de que nos próximos anos eu esteja desempenhando meu papel de educadora, docente e pesquisadora em sala de aula, além de continuar caminhando com esta ou outras pesquisas que venham a me deixar com brilho nos olhos, como aquela professorinha maluquinha que Ziraldo tanto falava.

Espero concluir este curso superior com a plenitude que me pertence e sempre com a convicção de realizar minha formação continuada seguindo um caminho com o gracejo a que me referi da citação de Renato Teixeira no início deste trabalho, “[...] eu vou tocando os dias pela longa estrada, eu vou. Estrada eu sou”.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre. Artmed, 2009 (Coleção pesquisa qualitativa, coordenada por Uwe Flick).

Azevedo, F. (org.). **A reconstrução educacional no Brasil: ao povo e ao governo. Manifesto dos pioneiros da educação nova**. São Paulo: Nacional, 1932. Revista HISTEDBR Online Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf Data de acesso: 10/10/2016.

BOTO, Carlota. **A escola do homem novo: entre o iluminismo e a revolução francesa**. São Paulo: UNESP, 2003.

BRASIL. **Manual da educação integral para obtenção de apoio financeiro através do programa dinheiro direto na escola**—PDDE/Integral, no exercício de 2010. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br>>. Data de acesso: 14/06/2014.

_____. **PORTARIA NORMATIVA INTERMINISTERIAL Nº- 17, DE 24 DE ABRIL DE 2007** Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2446-port-17-120110&category_slug=janeiro-2010-pdf&Itemid=30192>. Data de acesso: 10/10/2016.

_____. **Planejando a próxima década. Conhecendo as 20 metas do Plano Nacional de Educação**. Ministério da Educação / Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/ SASE), 2014. Disponível em <http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf> Data de acesso: 20/02/2017.

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

FILONOV, G. N. **Anton Makarenko** / G. N. Filonov; Carlos Bauer, Ester Buffa (orgs.). – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

FERRARI, Márcio. **Condorcet, a luz da Revolução Francesa na escola**. Revista Escola. Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/luz-revolucao-francesa-escola-432180.shtml>> Data de acesso: 03/10/2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005c

GADOTTI, Moacir. **Convocados uma vez mais**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

_____. **A questão da educação formal/não-formal**. Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes sans solution? Institut International des droits de l'enfant, Sion, 2005.

_____. **Educação Integral no Brasil. Inovação em processo**. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire. 2009

GADOTTI, Moacir. **Convocados uma vez mais**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

GASPARIN, João. Luiz. **Uma didática para a Pedagogia histórico-crítica**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

GÜNTHER, Hartmut. **Como elaborar um questionário**. *Série: Planejamento de pesquisa nas Ciências Sociais*. 2003, nº01.

JARETA, Gabriel. **Mais tempo para quê?** Revista Educação. Disponível em <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/156/mais-tempo-para-que-234746-1.asp>> Data de acesso: 03/10/2014.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 7 ed. Tradução de Célia Neves e Alderico Toribio. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 12 ed. São Paulo, Cortez, 2010.

LIMA, Hermes. **Anísio Teixeira: estadista da educação**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978.

MAKARENKO, Anton S. **Poema Pedagógico (Vol. I, II, III)** SP, Edições Brasilienses, 1986.

_____. **Oeuvres complètes**. 2.ed. Moscou: [s.n.], 1957. 7 v.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira. Campinas: Alínea, 2007.

MARX, Karl. **O capital. Crítica da Economia Política**. Cap. XIII. 3ªEd. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. 2 ed. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MEC. **Programa Mais Educação. DECRETO Nº 7.083, DE 27 DE JANEIRO DE 2010**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7083.htm>. Data de acesso: 14/06/2014a.

_____. **Saiba Mais - Programa Mais Educação**. 2016. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso_maiseducacao.pdf>. Data de acesso: 20/05/2017.

MOLL, Jaqueline. **Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012.

PADILHA, Paulo Roberto. **Município que educa: nova arquitetura da gestão**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

PESCUMA, Derna e CASTILHO, Antônio P. F. de. **Projeto de pesquisa: o que é? como fazer? Um guia para sua elaboração**. São Paulo: Olho d'Água,. 2005.

PINTO, Ziraldo Alves. **Uma professora muito maluquinha**. 2. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante – Cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte. Autêntica, 2002.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. Editora Edipro. 1ª Edição, 2017.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SEDF. **Currículo em movimento: pressupostos teóricos**. SEDF. Brasília, 2012.

_____. **Currículo em Movimento. Educação Integral**. SEDF. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/curric_mov/cad_curric/2educ_integral.pdf> Data de acesso: 10/10/2016.

_____. **Caderno de Perguntas e Respostas. Roteiro para discussão –Educação Integral.** (2013) Disponível em < http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/curric_mov/ciclos/educ_integr.pdf > Data de acesso: 14/06/2014.

_____. **Educação Integral. Desafios e Perspectivas.** Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/component/content/article/255-educacao-no-df/268-educacao-integral.html> Data de acesso: 14/06/2014.

UNESCO. **Educação para todos no Brasil.** 2014. Disponível em <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/education/education-for-all/>> Data de acesso: 14/06/2014.

TEIXEIRA, Anísio. Uma experiência de educação primária integral no Brasil. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, Brasília, n. 87, v. 38, p. 21-33, 1962.

XAVIER, Itamaragiba C. e TAMBARA, Elomar. **CONDORCET E A ESCOLA PÚBLICA, LAICA, GRATUITA E UNIVERSAL.** 2012.